

Marco Maciel “collore” e leva com ele o “Moderno PFL”

O candidato Fernando Collor de Mello conseguiu a adesão do grupo dissidente do PFL, liderado pelos senadores Marco Maciel (PE) e Jorge Bornhausen (SC) os mesmos que na última eleição saíram do PDS para fundar o PFL e apoiar Tancredo, em reunião realizada ontem na casa do empresário Paulo Octávio Pereira, no Lago Sul. Participaram do encontro lideranças do PFL de vários Estados e o deputado federal Antônio Carlos Konder Reis (PDS/SC), que assumiram com Collor o compromisso de articular o apoio ao seu nome no segundo turno, em suas respectivas regiões.

“Não reivindicamos cargos, verbas, nem favores”, garantiu Maciel. A composição, segundo ele, deu-se em torno da proposta de liberalismo social, ou neoliberalismo, defendida pelo chamado “grupo moderno” do PFL, que representa, aproximadamente, 40% das bases do partido (percentual obtido por Maciel na disputa da vaga de candidato com Aureliano Chaves). Os dissidentes, no primeiro turno, dividiram o seu apoio entre vários presidenciais: desde Aureliano ou Afif Domingos até Mário Covas e Leonel Brizola.

Independentes — O encontro dos “independentes” do PFL foi precedido de uma conversa franca, na véspera, com o senador “collorido” Carlos Chiarelli (PFL-RS), há meses na coordenação do candidato PRN. Bornhausen e Marco Maciel deixaram claro: vão votar em Collor “porque não dá para votar em Lula”. Se for para votar e participar da campanha, apoiando o candidato do PRN, tudo deve ser feito com altivez, “pela porta da frente”.

O senador catarinense, traduzindo a posição dos seus companheiros do “grupo independente”, disse a Fernando Collor que o apoio e a participação na campanha presidencial no segundo turno não representaria compromisso prévio às eleições estaduais de 90.

“Em 90 deixe o problema do Estado por nossa conta. Se o grupo considerar necessário o seu reforço, serei o primeiro a pedir. Tudo bem assim?”, perguntou Bornhausen a Collor. Resposta afirmativa. “No Estado de vocês a solução será de vocês mesmos”, disse o candidato do PRN.

Falando de problemas do PFL em vários Estados, Fernando Collor dedicou atenção especial a Alagoas. Lamen-

tou seu afastamento do prefeito de Maceió, Guilherme Palmeira (ex-governador e ex-senador). “Se pudesse, deixaria a cargo do Guilherme a política alagoana. Admiro e respeito muito Guilherme Palmeira” — disse ele, reconhecendo que a dificuldade é muito maior com o senador Divaldo Suruagy, “mas mesmo assim não fecho a porta para ele”.

Sigilo — Para evitar que a imprensa tomasse conhecimento do encontro, que se pretendia sigiloso, Collor ordenou a seu motorista que driblasse os jornalistas que o aguardavam de manhã em frente à sua casa, no Lago Norte. Depois de dar voltas incompreensíveis e disparar em alta velocidade, deixando tontos os que tentaram segui-lo, o Opala que lhe serve o deixou às 9 horas na residência de Paulo Octávio, de onde os participantes da reunião sairiam pouco antes das 14 horas. Maciel ainda tentou, depois, disfarçar: “Vamos discutir a questão com as bases, mas a conversa foi muito boa”.

Chiarelli foi mais objetivo: “Ele demonstrou simpatia definida e formal, e prometeu articular o apoio em Pernambuco”. Estiveram com Collor o deputado federal Levy Dias (MS); o senador José Agripino Maia (RN), que já tinha, “collorido” no primeiro turno; Maciel (PE); Chiarelli (RS), outro “collorido” de primeira hora; os deputados federal Stélio Dias (ES) e estadual José Tasso de Andrade, líder da bancada (ES); o deputado federal Jofran Frejat (DF); os deputados federais Pedro Canedo e Jales Fontoura, o estadual Wilmar Rocha, líder da bancada, e o ex-deputado Wolney Siqueira (GO); e Bornhausen, Konder Reis, o deputado federal Cláudio Ávila e o prefeito de Blumenau, Vilson Kleinubing (SC).

Propositadamente, a direção nacional do PFL foi deixada à margem das conversações. Há dois motivos para isto. Em primeiro lugar, Fernando Collor e a sua assessoria querem vê-la distante em função de sua proximidade com o presidente José Sarney e da sua participação na frustrada tentativa de fazer de Sílvio Santos um presidencial, manobra que o candidato tanto combateu. Além disso, o comando da campanha está determinado a evitar acordos com as cúpulas partidárias, por julgá-los desgastantes e incapazes de produzir votos.